

Notas

NOTAS TEXTO 1

1. Palavras preliminares: É uma honra poder falar aqui na UNAM, Universidade do México, “a maior de todas que já vi”, como disse Lacan quando do seu retorno de uma viagem turística ao México, em seu Seminário *O objeto da psicanálise*, em 23 de março de 1966, como me lembra Manuel Hernandez. Aproveito dessa atenção para lhe expressar o meu sincero e profundo agradecimento pela sua presença, enquanto tradutor desta conferência, antes e agora ao meu lado, presença necessária para aquilo que tenho a dizer, falar sobre o autismo, tema para mim de uma perplexidade inextinguível. Igualmente, agradeço a Teresa Ordorika Sacristán, professora e pesquisadora da UNAM, vinculada ao CEIICH (Centro de Investigación Interdisciplinaria en Ciencias y Humanidades), que acaba de apresentar meu percurso; Moisés Hernández, membro da ELP e do Conselho editorial da EPPLE, eixo da organização, e por fim, agradeço profundamente a Gloria Leff, que fez o convite e coordenou o evento.
2. Ver M.-C. Thomas, *L'Autisme et les langues*, 2011.
3. J. Lacan, “Petit Discours aux psychiatres de Sainte Anne” ou “Conférence sur la psychanalyse et sur la formation du psychiatre à Sainte Anne”, Conferência de 10 de novembro de 1967, que infelizmente não está publicada no volume *Outros Escritos*, mas que pode ser lida no *Pas-tout-Lacan*, site da ELP (École Lacanienne de Psychanalyse).
4. Ver M.-C. Thomas, *Genèses de l'autisme. Freud, Bleuler, Kanner*, p. 124-138.
5. Essa introdução foi reescrita a partir do “Prólogo” à 2ª edição de *Autismo, Una lectura epistemológica, Seminario en Rosario*, com tradução de Claudia Vinuesa e Marcos Esnal.
6. Ver a obra extremamente interessante de Dominique Ottavi, *De Darwin à Piaget. Pour une histoire de la psychologie de l'enfant*.
7. M. de Certeau, *La possession de Loudun*. Ver também os trabalhos de Lucien Fèvre e de Robert Mandrou.
8. Todas as discussões de diagnóstico, de descrição ou explicação psicopatológicas, com ou sem recurso a conceitos psicanalíticos, se situam exatamente no mesmo nível de contenção, ou seja, de tentativa de conter o fenômeno autista, suas infinitas singularidades. Além disso, alimentando a controvérsia, contribuem para o inchaço do fenômeno...
9. Organismo público autônomo e científico [N.T.].
10. Cf. *Genèses de l'autisme*, op. cit., p. 13.
11. Essas questões estão desenvolvidas em *L'Autisme et les langues*, op. cit.
12. E. Bleuler, *Dementia praecox ou Groupe de schizophrénies*.
13. J. Hochmann, “A la recherche d'un dialogue entre neurosciences et psychanalyse: l'exemple de l'autisme infantile”, *Revue française de psychanalyse* n. 2, p. 416. Na sua conclusão, Hochmann diz: “O autismo é uma situação extrema, onde o pensamento, enquanto discurso endereçado a si-mesmo e a outrem, tende a se abolir. Abordagem mais hermenêutica que nomotética, doadora mais de sentido que de leis, a psicanálise ajuda a reiniciar uma narrativa fixada e a encontrar prazer em brincar com seus pensamentos.
14. Ver *Genèses de l'autisme*, op. cit., p. 80 e seguintes.
15. W. MacGuire (ed.), *Sigmund Freud, Carl Gustav Jung. Correspondance, 1906-1914*. p. 95. [Tradução brasileira: *A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung*, p. 81 (N.T.)].
16. Temple Grandin, *Thinking in Picture and other reports from my life with autism*. Versão francesa: *Penser en images et autres témoignages sur l'autisme*.
17. Na tradução brasileira, *Símbolos da transformação*. Petrópolis: Vozes, 1973 [N.T.].
18. E. Bleuler, *La psychanalyse de Freud, défenses et remarques critiques*.
19. J. Lacan, *Le Séminaire livre VII. L'Éthique de la psychanalyse*, p. 27-44 e p. 55-70 [Tradução brasileira: *O Seminário livro 7. A Ética da psicanálise*, p. 29-47 e p. 57-72 (N.T.)].
20. Ver capítulo IV, “Les destins de l'autisme de Bleuler” in *Genèses de l'autisme*, op. cit.
21. J. Lacan, *Le Séminaire livre I. Les Écrits techniques de Freud*, p. 81-83 e p. 95-103 [sessões de 17 e 24 de fevereiro de 1954]. [Tradução brasileira: *O Seminário livro 1. Os escritos técnicos de Freud*, p. 83-86 e p. 98-106 (N.T.)].
22. L. Kanner. Autistic disturbances of affective contact, *Nervous Child*, p. 217-250.
23. Cf. J. Hochmann, *Histoire de l'autisme*.
24. J. Lacan, *Le Séminaire livre xvi. D'un Autre à l'autre*, p. 13. [Tradução brasileira: *O Seminário livro 16. De um Outro ao outro*, p. 13 (N.T.)].
25. J. Lacan, Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien, p. 819. [Tradução brasileira: Subversão do sujeito, e dialética do desejo, p. 833 (N.T.)].
26. J. Lacan. *Le Séminaire livre xvi. D'un Autre à l'autre*, op. cit., p.327. [Tradução brasileira: *O Seminário livro 16. De um Outro ao outro*, op. cit., p. 317 (N.T.)].
27. Ver no final do meu artigo “Je joue, pas-je pense”, *SPY*, p. 89-109, traduzido no número 30 de *Me cayó el veinte* por Jorge Huerta, “Juego, no-yo pienso”. Esse artigo revisa as concepções de jogo na filosofia e apresenta a concepção freudiana do brincar. Ela permite situá-la no hiato de uma relação indizível e, portanto, linguageira, “atividade de pensar”, ao gozo. A passagem para o castelhano perde o pas-je/page: o jogo que está por detrás do jogo, como o pajem que está atrás do rei.
28. Novamente me autorizo enviar para “Je joue, pas-je pense”, op. cit.
29. J. Lacan, “La métaphore du sujet”, in *Écrits*, p. 891. [Tradução brasileira: A metáfora do sujeito, in *Escritos*, p. 905 (N.T.)].

30. Austin M. DesLauriens, "Jeu, symbole et acquisition du langage", in *L'autisme, une réévaluation des concepts du traitement*, p. 380-396.
31. J. Lacan, Conferência em 19 de junho de 1968, em anexo do *Seminário O ato psicanalítico* [não publicado oficialmente (N.T.)]. Ver M.-C. Thomas, *Genèses de l'autisme*, op. cit.
32. Ver M.-C. Thomas, *Lacan, lecteur de Melanie Klein*, capítulos 8 e 9.
33. Ver *Lacan, lecteur de Melanie Klein*, op. cit.

NOTAS 2

1. H. Aguiar, 2011
2. M. Viñar, *Mundos adolescentes y vértigo civilizatorio*; J. Puget, "Estados de Excepción: mapa de nuevas subjetividades"; G. Agamben, "Lo que queda de Auschwitz", in *Homo Sacer III*.
3. D. Miguez; P. Seman, *Entre santos, cumbias y piquetes. Las culturas populares en la Argentina reciente*.
4. D. Miguez; P. Seman, op. cit.
5. H. Arendt in M. Viñar, *Mundos adolescentes y vértigo civilizatorio*.
6. S. Amati Sas, "L' interpretation dans le trans subjective", *Reflexions sur l'ambigüité et les espaces psychiques*".
7. Film "Kaos", Hnos. Taviani, 1984.
8. G. Agamben, "Lo que queda de Auschwitz", *Homo Sacer III*.
9. H. Arendt, *La condición humana*.
10. M. Viñar, *¿Semejante o Enemigo? Entre la tolerancia y la exclusión*.
11. P. Digilio, "Violencia cotidiana, anomia y alienación".
12. G. Garcia Reinoso, "Algunas consecuencias psíquicas de las transformaciones sociales".
13. M. Ledoux, 1992.
14. R. Castel, 1991.
15. E. Enriquez, 1983.
16. M. Viñar, *¿Semejante o Enemigo? Entre la tolerancia y la exclusión*.
17. M. y M. Viñar, 1993.
18. S. Freud, *El porvenir de una ilusión*.
19. J. Puget, "Pourquoi parler des traumatismes collectifs?", *Traumatismes collectifs*.
20. R. Esposito, *Immunitas. Protección y negación de la vida*.
21. R. Esposito, op. cit.
22. S. Freud, *Porvenir de una ilusión*.
23. J. Derrida, "L'impossible au-delà d'une souverane cruauté", *États-Généraux de la Psychanalyse*.
24. M. Segoviano, 2000.
25. G. DUBY, "Año 1000, Año 2000. La huella de nuestros miedos".

NOTAS 3

1. As siglas ADD e ADHD correspondem na língua inglesa, respectivamente, a *Attention Deficit Disorder* e *Attention Deficit Hiperactive Disorder*. O termo usado em português no DSM IV é Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH.
2. Tratei este tema com profundidade no texto "O sintoma e a medicalização", in *O sintoma e suas faces*, orgs. L. Fuks e F. Ferraz, reproduzido em A. M. Sigal, "Medicalização na infância, um estudo sobre o sintoma de desatenção", in *Escritos metapsicológicos e clínicos*.
3. Nota adicionada em 2018: A última versão do Manual de Diagnóstico Diferencial, DSM-V é de 2013 (American Psychiatric Association, 2013). Christian Dunker publicou recentemente (2018) um artigo chamado "Crítica da razão diagnóstica: por uma psicopatologia não – toda", no qual faz uma excelente análise das modificações que ocorreram no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Suas considerações enriquecem em muito as discussões políticas relacionadas ao DSM.
4. S. Freud, *Inhibicion, Sintoma y Angustia* (1926).
5. S. Freud, *La Moral Sexual Cultural y la Nerviosidad Moderna* (1908), p. 168.
6. Nota adicionada em 2018: As novas mídias, Facebook, WhatsApp e outras, nos confrontam com uma informação quase instantânea das viagens, comidas, desejos e aquisições que são postados com fotos e muitas vezes sem palavras, o que transforma a vida privada das pessoas em anúncios públicos de seus movimentos, nos invadindo de forma incontrolada.
7. S. Freud, *Psicología de las Masas y Analisis del Yo* (1921).
8. S. Freud, *Formulaciones sobre los dos Principios del Acaecer Psíquico* (1911).
9. Vou me referir a dois conceitos trabalhados por Silvia Bleichmar. *Transtorno* (pré-sintomais), quando referido ao recalçamento primário, e *sintoma*, quando referido ao recalçamento secundário. Estes conceitos podem ser revistos no livro *En los orígenes del sujeto psíquico*, p. 73.
10. S. Freud, Carta 52 (1896).
11. S. Freud, Proyecto de una Psicología para Neurologos (1896).
12. O nome comercial desta substância é Ritalina ou Strattera.
13. Encontro Sul-Americano dos Estados Gerais da Psicanálise, apostila, 1999.

NOTAS 4

1. Artigo escrito em parceria com Alessandra A. M. Parente.
2. Trata-se de um novo tipo de golpe de Estado implantado no Brasil em maio de 2016, cujo desfecho foi o impeachment da Presidenta Dilma Roussef.
3. Para maiores informações, consultar M. Mathias, "Uma segunda alma para o SUS".
4. E. Passos, "A política na arte da clínica: uma experiência da política pública na máquina de Estado (ou a política pública no fio da navalha)". *Mimeo*.
5. R. Benevides; E. Passos, "Humanização na Saúde: um novo modismo?".
6. Cf. Cartilhas, vídeos, links, no site *redehumanizausus.net*.
7. E. Passos, "Apresentação dos níveis de composição da PNH". *Mimeo*.
8. G. W. S. Campos, "O apoio institucional e análise de demanda em saúde ou Apoio Paideia".
9. G. Deleuze, "Os Intercensores", in *Conversações*.
10. Ações intensivistas diferenciam-se das extensivistas, apropriadas para enfrentar problemas de grande magnitude, tais como as ações de vacinação por meio de campanhas orquestradas. (E. Passos; R. Benevides, 2006).
11. Região, à época, com 420 mil habitantes.
12. ACCRV é uma das diretrizes da PNH. Cf. Cartilhas da Política no site *redehumanizausus.net*.
13. Dimensão oficial, formulada nos termos da implantação do ACCRV; dimensão implícita, formulada pela Supervisão Técnica de Saúde interessada na diminuição das queixas da Ouvidoria; dimensão pulsante, decantada no processo de escuta dos sujeitos em grupo.
14. Campo de práticas e de criação conceitual, originado na França e tornado *movimento institucionalista*, do qual fazem parte diferentes escolas que se propõem a "propiciar, apoiar, deflagrar [...] processos de autoanálise e de autogestão" em instituições de diferentes ordens (G. Barembliitt. *Compêndio de análise institucional*).
15. "O Mais-um tem a função de não ocupar a posição esperada do líder, nem a do Sujeito suposto Saber, tampouco a do analista [...] deve trabalhar, produzir e se responsabilizar por pontuar e sustentar a inconsistência do Outro. Não há nem líder nem analista no cartel, mas, sujeitos divididos, pois, somente numa comunidade de sujeitos divididos poderá haver produção de um saber novo." (Pamponet, "O Cartel na escola de Lacan"). Disponível em <http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/download/agente008_pamponet.pdf>.
16. Equipes multiprofissionais de apoio a Equipes de Saúde da Família do sus.
17. Do verbo outrar-se, criado por Fernando Pessoa para enunciar a heteronímia.
18. O Apoio Matricial em saúde é um recurso para a organização do trabalho, uma retaguarda especializada, multiprofissional, que oferece suporte técnico-pedagógico às equipes de saúde da Atenção Primária do SUS (G. Tenório; G. Campos, 2011).
19. Chamamos aquecimento de rede ao trabalho de articulação dos diferentes serviços de uma dada região de saúde do sus.
20. O conceito de analisador foi formulado por Guattari, no contexto da Psicoterapia Institucional. Segundo A. Rossi e E. Passos, analisador é aquilo que provoca análise, quebra, separação, explicitação dos elementos de dada realidade institucional.
21. Processos de Formação-Intervenção em saúde pautam-se pela compreensão de que formar e intervir são processos indissociáveis; daí o desafio teórico-metodológico de se colocar em análise o cotidiano dos serviços e da construção compartilhada de Planos de Intervenção para mudar realidades. *Cadernos Humanizausus*, DF, v.1, 2010, "Formação e Intervenção".
22. A. Negri e M. Hardt, in *Commonwealth*, definem tal conceito como o produto de nossa interação social, comunicação, linguagem, afetos e relações, para além dos bens naturais (água, terra, florestas, etc.).
23. Condição de um apoiador institucional, com recursos psicanalíticos e com retaguarda de uma política reconhecida em termos nacionais.
24. No sentido deleuziano de máquina de produção de discursos e de ações-relações, em que se faz "falar" e se faz "ver", produz-se enunciações, visibilidades distintas, acontecimentos e modos de ser. (Deleuze, 1989)
25. Cf. *redehumanizausus.net*
26. Félix Guattari e Sueli Rolnik assinalam que a questão da produção de subjetividade foi rapidamente compreendida pelas forças sociais que administravam o capitalismo: "entenderam que a produção de subjetividade talvez seja mais importante que qualquer outro tipo de produção, mais essencial até do que o petróleo e as energias". Cf. *Caligrafias do desejo*.
27. S. Rolnik, "O novo tipo de golpe de estado: um seriado em três temporadas".
28. Referência ao seminário *As razões do agir: universidade e sociedade na crise da globalização*, realizado na USP (out. 2017). Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=7nu_bjoXuus>.
29. F. J. Varela, *O reencantamento do concreto*.

NOTAS 5

1. A. M. Campos *et alli*, *Escolas de luta*.
2. G. Frigotto, "Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidade, desafios e perspectivas", in *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*, p. 205.
3. B. Sousa Santos, *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*.
4. B. Sousa Santos, *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*, p. 98.
5. L. E. Soares, "Juventude e violência no Brasil contemporâneo", in *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*, p. 138.

6. F. Ortega, *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*.
7. Uma leitura psicanalítica – na qual o Outro é tido como fonte, matriz possibilitadora da constituição do eu e do inconsciente – será desenvolvida mais adiante. Outra leitura psicanalítica – mais próxima à ideia de intersubjetividade – também será mencionada, neste caso, no final do artigo.
8. A. Honneth, *A luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*.
9. A. Honneth, *op. cit.*
10. V. Safatle, “Abaixo de zero: psicanálise, política e o ‘déficit de negatividade’ em Axel Honneth”.
11. J. Butler, *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*, p. 73.
12. J. Butler, *op. cit.*, p. 42.
13. J. Butler, *op. cit.*, p. 171.
14. S. Freud (1930), O mal-estar da civilização, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, v. XXI, p. 81-171.
15. S. Freud (1921), *Psicologia de grupo e análise do ego*, v. XVIII, p. 91-179, p. 129.
16. S. Freud (1921), *op. cit.*
17. M. R. Kehl, “Existe a função fraterna”, in M. R. Kehl (Org.), *Função fraterna*.
18. J. Birman, *Arquivos do mal-estar e da resistência*.
19. S. Freud (1913/1914), Totem e tabu, v. XIII, p. 20-191.
20. S. Ferenczi, *Psicanálise IV*.
21. D. Winnicott, *O brincar e a realidade*.
22. M. R. Maciel, *Psicanálise e educação*.
23. C. Bollas, *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*, p. 77.
24. Diante da possibilidade de uma nova modalidade de laço social, construída sobre o reconhecimento da vulnerabilidade de todos nós, e pensando em contribuições teóricas e clínicas, que pressuponham a quebra da verticalidade e da hierarquia na relação analítica, faz-se necessário um debate em torno do declínio do pai ou do declínio da referência fálica enquanto princípio organizador do sujeito. Todavia, este trabalho ficará para um próximo artigo.

NOTAS 6

1. Disponível em: <https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/qualis/relatorio_atualizacao_qualis_2015_psicologia_23_06_15.pdf>.
2. F. Marques, “A escala da discórdia”.
3. F. Galembeck e J. Bittencourt, *apud* F. Marques, *op. cit.*, p. 2.
4. L. Velho, *apud* F. Marques, *op. cit.*, p. 4.
5. L. Velho, *apud* F. Marques, *op. cit.*, p. 5.
6. S. Freud, Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise.
7. S. Ferenczi, *Diário clínico*.
8. Sabourin in S. Ferenczi, *op. cit.*
9. J. Cremerius, *apud* Sabourin in S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 226.
10. S. Freud, Dois verbetes de enciclopédia, p. 287.
11. F. Herrmann, “Debate: o caso clínico, sua narrativa”.
12. F. Herrmann, *op. cit.*, p. 20.
13. P-L. Assoun, *Metapsicologia freudiana. Uma introdução*, p. 226
14. P-L. Assoun, *op. cit.*, p. 226.
15. S. Freud *apud* Assoun, *op. cit.*, p. 228.
16. J. D. Nasio, *Os grandes casos de psicose*, p. 11.
17. J. D. Nasio, *op. cit.*, p. 11-12.
18. J. D. Nasio, *op. cit.*, p. 17.
19. J.-B. Pontalis, Entrevista com J.-B. Pontalis.
20. M. Viñar, Entrevista com Marcelo Viñar – Tornar-se analista.
21. F. Herrmann, “Investigação psicanalítica”.
22. T. Ferris *apud* F. Herrmann, Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann e T. Lowenkron, *Pesquisando com o método psicanalítico*, p. 50.
23. Herrmann considera “o efeito de ruptura de campo o processo fundamental do método psicanalítico, tanto no que diz respeito à produção de conhecimento, como no que concerne à produção da cura” (F. Herrmann, *O que é Psicanálise*, p. 31). A interpretação é o processo pelo qual se produz a ruptura de campo. Herrmann denomina de campo (ou inconsciente relativo) tudo aquilo que determina qualquer relação humana (inclusive a relação analista paciente) e que é inapreensível do interior dessa relação. Pela ruptura do campo surgem as regras inconscientes que determinavam a relação.
24. F. Herrmann, “Psicanálise, ciência e ficção”, p. 69.
25. F. Herrmann, *Psicanálise, Pesquisa e Universidade* (documento não publicado).
26. F. Herrmann, *Psicanálise, Pesquisa e Universidade* (documento não publicado).

NOTAS 7

1. Berenstein e Kaës, *Encuentros – Diálogo Berenstein-Kaës*, p. 5.
2. R. Kaës, *Le malêtre*.
3. R. Kaës, *op. cit.*, p. 4, itálico nosso.
4. Mantenho a palavra utilizada por Kaës como “garante” vinculados aos garantes metassociais. Termo emprestado por Kaës do sociólogo Alain Touraine, para abarcar a noção de sustentação do outro.
5. Kaës, *Problemas planteados por la extensión del psicoanálisis. Obstáculos y aperturas clínicas y teóricas*, p. 209.
6. Kaës, *Investigaciones sobre el Preconsciente*, pág. 11.
7. Puget, “Os dispositivos e o atual”.
8. Utilizamos o violento e não a violência, para caracterizar que não se trata de um sujeito e objeto, um culpado e uma vítima, o violento caracteriza as ações quotidianas, muitas silenciosas que parecem até anestesiar o sujeito.
9. J. Puget, “Os dispositivos e o atual”, p. 4, itálico nosso.
10. As consultas terapêuticas são introduzidas no Hospital Paddington Green Children’s nas consultas que denomina de *Psychiatric Snack Bar* (cafeteria psiquiátrica), como uma modalidade de atendimento da primeira consulta, em casos que dificilmente indicarmos uma psicanálise.
11. O militar em questão tinha buscado refúgio nos Estados Unidos, e retornado ao Peru para o juízo.
12. R. Kaës, “Investigaciones sobre el Preconsciente”, p. 1.
13. A Marcha da Vida é um programa educativo organizado pelo Fundo Comunitário desde 2009. “Na viagem são apresentadas a história das comunidades judaicas pré 2ª Guerra Mundial, na Polônia e em Berlim, visitando os diversos cenários da Shoá, entre eles campos de concentração e extermínio, incluindo o percurso entre Auschwitz e Birkenau, que era feito a pé pelos prisioneiros”. Disponível em: <<http://fundocomunitario.org.br/marcha-da-vida/>>

NOTAS 8

1. Aos meus amigos: Marcia Rosen, Adriana Maria P. de Deus, Willian Winkler, João Pedro Jávera, Jefferson Pereira e Silva, Rogério Santos e Ricardo Telles de Deus – todos membros de um grupo de estudos que acontece há alguns anos e que nos denominamos *Círculo de Vila Mariana*. Um agradecimento muito especial ao professor Rodolfo José Ferraz pela leitura cuidadosa e valiosa. E mais que um agradecimento, minha inteira devoção à Paulina Ghertman.
2. D. W. Winnicott, “O medo do Colapso”, in *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott*, p. 70.
3. A. Bosi, *O ser e o tempo da poesia*, p. 141.
4. W. Benjamim, “O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”, in *Magia e técnica, arte e política*, p. 204.
5. “Free-floating attention” foi traduzido para português por “atenção errante”; considerando que se trata de um termo usual em Psicanálise, nos permitimos fazer a correção.
6. A. Phillips, “Sobre o tédio”, in *Beijo, cócegas e tédio*, p. 99.
7. Penso que é importante afirmar que Adam Phillips usa de modo bastante pessoal os termos e a teoria de Winnicott. Apesar de ser um autor muito criativo e original, de quem gosto muito, nem sempre concordo com suas colocações.
8. A. Phillips, *op. cit.*, p. 99.
9. A. Phillips, *op. cit.*, p. 103.
10. A. Phillips, *op. cit.*, p. 106.
11. Caso o leitor desconheça o que é objeto transicional, seria interessante ler o artigo de Donald W. Winnicott “Fenômeno e objetos transicionais”.
12. O. Paz, *O arco e a lira*, p. 21.
13. C. Baudelaire, *As flores do mal*, p. 99-101.
14. D. W. Winnicott, “O medo do colapso”, in *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*, p. 72.
15. D. W. Winnicott, “O medo do colapso”, in *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott*, p. 72.
16. D. W. Winnicott, “Preocupação materna primária”, in *Textos Seleccionados: Da Pediatria à Psicanálise*, p. 496.
17. D. W. Winnicott, “O medo do colapso”, in *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott*, p. 73.
18. D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 73.
19. M. Khan, “Introdução”, in *Holding e interpretação*, p. 1.
20. M. Khan, *op. cit.*, p. 2.
21. M. Sá-Carneiro, Dispersão, in *Obra completa*, p. 69.
22. M. Sá-Carneiro, *op. cit.*, p. 69.
23. D. W. Winnicott, *Natureza humana*, p. 136-137.
24. F. Espanca, “Livro de Mágoas”, in *Melhores poemas*, p. 56.
25. F. Espanca, *op. cit.*, p. 56.
26. D. W. Winnicott, “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”, in *O brincar e a realidade*, p. 154-155.
27. D. W. Winnicott, “O medo do colapso”, in *Explorações Psicanalíticas*, p. 75.
28. Ver G. Safra, in *Hermenêutica na situação clínica*, p. 42.
29. Bíblia de Jerusalém – *Evangelho Segundo São João*, p. 1842 e 1843.
30. A palavra poética, os símbolos não verbais de acordo com as colocações de Marion Milner.
31. D. W. Winnicott, “A criatividade e suas origens”, in *O brincar e a realidade*, p. 99.

32. F. Pessoa, *Livro do desassossego*, p. 262.
33. F. Pessoa, *op. cit.*, p. 263.
34. D. Alighieri, *A divina comédia*.
35. M. Khan, "Introdução", in *Holding e interpretação*, p. 3.
36. D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães*, p. 76.

NOTAS 9

1. Melancholische Komplex: die Begierde der Seele. Trabalho realizado pelo Grupo de Estudos "Revisitando a Metapsicologia Freudiana", do CEPdePA.
2. G. Bataille, *O erotismo*, p. 16.
3. S. Freud (1926), "Inibição, sintoma e angústia", in P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud*, p. 80.
4. S. Freud (1926), *op. cit.*
5. Entendemos que tal proposição é polêmica; entretanto, encontramos em Freud alguns elementos para sustentar tal hipótese. Em 1924, no texto *O Problema Econômico do Masoquismo*, ele afirma "a libido encontra nos seres vivos a pulsão de morte que neles vigora" (p. 191, grifo nosso); e no texto *O Mal Estar na Cultura*, de 1930, ele destaca que a pulsão de morte é a pulsão por excelência.
6. S. Freud (1915), "Pulsões e destinos da pulsão", in L. A. Hanns (Trad.). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).
7. S. Freud (1915), *op. cit.*
8. Quando falamos de *representâncias*, nos remetemos a todas as formas de inscrição psíquica, desde indicadores ou signos de percepção – impressões e traços – a representações (Carta 52. Freud, 1896).
9. S. Freud (1915), *op. cit.*, p. 149.
10. J. Laplanche; J.-B Pontalis. *Vocabulário da psicanálise*.
11. I. Paim Filho, *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte*.
12. S. Freud (1923), "O eu e o id", in P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud*. (Obras Completas, 16), p. 36.
13. S. Freud (1919), "O inquietante", in P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud*. (Obras Completas, 14).
14. L. A. Garcia-Roza, *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*.
15. L. A. Garcia-Roza, *op. cit.*
16. S. Freud (1917), "Luto e melancolia", in P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud*. (Obras Completas, 12), p. 186.
17. S. Freud, (1895/1950). "Projeto para uma psicologia científica".
18. S. Freud (1895/1950), *op. cit.*, p. 380.
19. S. Freud (1895/1950), *op. cit.*
20. "a" representa a essência do objeto; "b" representa os atributos do objeto (Freud, 1895/1950).
21. S. Freud (1920), Além do princípio de prazer, in L. A. Hanns (Trad.). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).
22. Esta proposição apoia-se na sutil, porém fundamental, diferenciação feita pelo próprio Freud em seus textos originais em alemão: *Begierde* (*anseio*) refere-se à busca por um objeto ainda não representado, tal como descrito em 1895, no texto "Projeto para uma Psicologia Científica". Ao utilizar o termo *Sehnsuchs* (desejo), em 1926, no texto "Inibição, sintoma e angústia", a busca passa a ser por um objeto específico, logo, já representado. Portanto, estamos utilizando, no presente trabalho, o *Begierde* de 1895.
23. S. Freud (1895/1950), *op. cit.*
24. S. Freud (1926), "Inibição, sintoma e angústia". In: P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud*. (Obras Completas, 17).
25. S. Freud (1926), *op. cit.*, p. 78.
26. S. Freud (1895/1950), *op. cit.*
27. L. A. Garcia-Roza, *op. cit.*, p. 152.
28. I. Paim Filho, *op. cit.*
29. S. Freud S. (1919), "O inquietante", in P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud*. (Obras Completas, 14), p. 365.
30. S. Freud (1895/1950), *op. cit.*, p. 376.
31. S. Freud (1920), "Além do princípio de prazer", in L. A. Hanns (Trad.). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3), p. 165.
32. S. Freud (1895/1950), *op. cit.*
33. S. Freud (1895/1950), *op. cit.*, p. 337.
34. S. Freud (1895/1950), *op. cit.*
35. S. Freud (1895/1950), *op. cit.*
36. S. Freud (1896), Carta 52, in J. M. Masson (Ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*.
37. S. Freud (1895/1950), *op. cit.*
38. S. Freud (1916), "Transitoriedade", in P. C. Souza (Trad.), *Sigmund Freud*. (Obras Completas, 12).
39. G. Bataille, *op. cit.*